

O amor nos tempos de guerra

Por: Maria Clara Lucchetti Bingemer

Os que viveram a década de 60, os anos sessenta, certamente se lembram do mote hippie que dizia: “Faça o amor, não faça a guerra”. O Dia dos namorados, celebrado no dia 12 de junho, nos relembra essa existência do amor que dá cor e sabor à vida, colorindo tudo de um tom novo e maravilhoso, ao mesmo tempo em que nos diz que estamos convidados a vive-lo em um momento em que a guerra e a violência perpassam os cinco continentes e, de um modo muito cruelmente especial, várias cidades brasileiras.

É tão forte a atração o desejo que levam o homem em direção à mulher e vice-versa que mesmo em meio a balas e armas, a canhões e metralhadoras, vemos jovens se beijando, se abraçando, expressando de maneira bela e comovente a vocação maior do ser humano, que é uma vocação para o amor.

Apesar da data do Dia dos Namorados ter se tornado excessivamente comercial; apesar dos apelos da mídia que não tem pudor de usar qualquer recurso para incitar mais um dia ao consumo de bens descartáveis; apesar da palavra amor ter sido banalizada ao máximo nos últimos anos; apesar de tudo isso, há que se confessar que poucas coisas tão belas existem no mundo quanto o amor entre o homem e a mulher. O Dia dos namorados remete a essa realidade, do maravilhamento que desde a criação do mundo fez Adão exclamar, ao olhar para a recém-criada companheira Eva: “Esta sim é osso dos meus ossos e carne da minha carne!”

O pecado original tem feito grandes estragos nesse amor que por suas características nos faz únicos e semelhantes ao Criador. As relações amorosas se encontram cada dia mais efêmeras, mais descartáveis e mais egoístas. Busca-se o outro para ser feliz, entendendo-se felicidade como a saciedade de uma paixão passageira. Esta, por não ter raízes e ser extremamente volátil, breve se dirigirá a outro objeto, do qual igualmente se afastará quando vier, em curtíssimo prazo,

Relações descartáveis e não duradouras geram igualmente ausência de compromisso com o outro em si mesmo. Com seu bem estar, sua felicidade, sua segurança, sua plenitude de vida. E é assim que assistimos com o coração confrangido à violência que depreda por todo o planeta o mistério da vida humana e que parece querer varrer definitivamente o amor da face da terra. A fé cristã jamais poderá aceitar essa contra-proposta de uma humanidade que perdeu o rumo e esqueceu-se de sua razão de ser.

Deus, o Deus da revelação judaico-cristã se propõe a si mesmo como mistério de amor.

Mistério que fascina e se converte em objeto de desejo mas que também salva, ou seja, plenifica e pode plenificar abundantemente a vida humana. .

Nesta relação assim instaurada entre Deus e o ser humano, o Eros divino se apresenta como mais forte que o ser humano, e se faz experimentar como sedução poderosa, irresistível e gratuita. Imperativa!

Na caminhada do povo de Israel, a identidade mesma do povo é dada pelo imperativo de amar seu Deus. E amá-lo com todo o seu ser (de todo coração, de toda alma, com todas as forças). Este amor no entanto, desde o início, se apresenta como algo dinâmico e radical. Tira o povo e o ser humano de si mesmo e o atira de cheio na prática da justiça e na construção da paz , que serão, a partir daí e desde o começo, as instancias verificadoras do amor de Deus.

Em suma, o amor a Deus segundo a revelação é o resumo da própria Lei de Deus. E o grande Santo Agostinho destacou o vínculo inseparável que há entre o amor e o imperativo ético: “ama e faze o que quiseres”.

O Senhor que diz : "Amai-vos uns aos outros como eu vos tenho amado" ainda traz as mãos molhadas e a cintura cingida pelo ato amoroso humilde e despojado de haver limpado do pó da estrada os pés de seus caros e pobres amigos.

Todo amor que não estiver perpassado por essa radicalidade e essa disponibilidade ao serviço mais humilde e total não terá condições de conduzir à felicidade e à plenitude. Mas, pelo contrário, desembocará na morte e na frustração supremas de haver malgrado sua vocação mais íntima e profunda.

Pretender viver o amor e ao mesmo tempo silenciar e omitir-se diante da guerra internacional ou urbana que faz vítimas todos os dias é participar de uma mentira que um dia acabará por mostrar sua face perversa: a da mentira e do engodo com os quais pretendeu envolver e enganar a humanidade.

Talvez fosse o momento de voltar ao slogan do movimento hippie, sem necessariamente voltar a outros elementos deste mesmo movimento. Fazer o amor sob todas as suas formas e não a guerra, é o imperativo maior para a vida humana no planeta neste momento em que vivemos.